

A Verossimilhança em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis

Daniela Piva Reyes - USP

Resumo:

O objetivo principal deste artigo é discutir como está organizado estruturalmente o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Mais especificamente, pretende-se analisar, à luz do conceito de verossimilhança, como se dá o efeito de verdade que atribuímos à estória contada nesse romance, na qual um defunto que se intitula autor - algo considerado impossível de acontecer, de acordo com a lógica real na qual vivemos - se apresenta também como o narrador dessa estória.

Abstract:

The aim of this article is to discuss about the organizational structure of Machado de Assis novel, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. More specifically, and based on the concept of verisimilitude, this article intends to analyze how is it possible for this specific novel to be accepted as a realistic fact, since its author, who declares himself dead - what would be considered almost impossible to happen, according to logic of real life -, also introduces himself as the narrator of this story.

Palavras chave: Machado, verossimilhança, narrativa

Key words: Machado, verisimilitude, narrative.

“... cada livro realiza a redução verbal de um pequeno fragmento da realidade...”

Julio Cortázar

A frase de Julio Cortázar foi empregada originalmente em uma comparação feita entre a literatura e as artes plásticas, em que aquela estaria aparentemente em desvantagem perante estas por nada colocar de novo no mundo. Porém, furto o que já está no mundo (como disse o próprio Cortázar), de maneira que o objeto deste furto se torne o mote do escritor para contar novas histórias, parece dar, a nós leitores, ao reconhecermos esse objeto durante a leitura, uma sensação tão libertadora quanto a surpresa de ver uma nova composição - um quadro surrealista, por exemplo - na qual, não encontramos nenhuma referência da realidade.

Essa sensação, portanto, se dá justamente por percebermos na narração do romance uma organização que parece interpretar fielmente tudo aquilo que pensamos e sentimos de verdade. Não digo que ao lermos uma história temos as respostas e explicações das ocorrências da vida que tanto nos angustiam - até porque muitas delas nos deixam ainda mais intrigados e incomodados dependendo do assunto que tal história propõe; mas ao percebermos que cada fato da vida, ou de um fragmento da vida de um personagem está concatenado e devidamente relacionado a tudo que se passa no romance, inclusive à personalidade dos indivíduos que nele atuam, é que sentimos a tal sensação de reconhecimento.

Mesmo nos romances mais recentes do século XX, naqueles em que estão relatadas questões subjetivas muito inquietantes e são despejados fluxos de consciência muito íntimos, é possível notar que uma seleção de situações - que darão forma ao enredo da história - e uma seleção de características - que darão consistência aos seus personagens - foram organizadas e relacionadas de maneira compreensível e plausível ao leitor que, desse modo, parece encontrar nesse gênero uma realidade possível.

Desse modo, o “realismo filosófico” (Watt, 1990: 14) teve sua importância para o desenvolvimento do romance, pois apresentou a postura geral do pensamento realista que, a partir do século XIX, passou a fazer parte da literatura brasileira. Esta não teria mais a obrigação de ter que recorrer a “suposições passadas” ou temas tradicionais do meio literário para que uma história pudesse ser relatada e compreendida; viu-se livre, portanto, para utilizar-se do novo método que compunha o estudo particular da experiência individual, por parte de um pesquisador também individual baseado na idéia de que o ser humano, em qualquer época, sempre se viu forçado, de um modo ou de outro, a tirar alguma conclusão sobre o mundo exterior a partir da própria experiência.

A verossimilhança, portanto, se estabelece exatamente aí, quando nos coloca em sintonia com o que acontece na história do romance sem precisar de referências concretas da realidade; na verdade, ela nos dá subsídios para a figuração inédita de tudo aquilo que ela nos descreve já que isso se reporta ao ponto de vista de uma experiência individual, da subjetividade de um ser. Afinal, nada mais compreensível para o ser humano leitor do que reconhecer a sua subjetividade em um ser humano fictício. Desse modo, o seu realismo não está em descrever fatos de uma vida comprovadamente existente, à qual se possa dar nome e se ter referência material no mundo; mas sim na maneira pela qual aquela seleção e organização de fatos e personalidades humanas, das quais falamos anteriormente, são apresentadas.

No romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o qual será discutido a partir de agora, encontramos um bom objeto de estudo para observamos as características apresentadas até então: um enredo aparentemente cheio de interferências reflexivas em sua ordem seqüencial, e um personagem que escreve suas memórias depois de morto, algo que não se admitiria, em princípio, em um romance chamado realista, como é o caso.

Como foi há pouco mencionado, a narrativa desenvolvida pelo já falecido Brás Cubas é rodeada por diversos parágrafos e, principalmente, capítulos reflexivos sobre os fatos que são lembrados por ele. Reflexões estas que



expressam não exatamente seu julgamento em relação ao que está se passando ao seu redor; mas que evidenciam seus pensamentos, desejos e sentimentos - que acreditamos ser verdadeiros - experimentados nas situações vividas em sua vida pessoal e em sociedade. Brás Cubas expõe, assim, muitos comentários sobre os fatos que ocorreram consigo ou sobre as pessoas que participaram de sua vida; e nos revela muito claramente as suas imediatas sensações e atitudes naqueles momentos.

Por outro lado, como o livro é um relato de suas memórias, pode nos parecer, em uma primeira análise, que a seqüência da história está desorganizada. O processo de recordação que envolve os seres humanos cria uma rede de ligação entre os fatos que temos guardados, não necessariamente racional e direta. A estrutura do relato de Brás Cubas tenta demonstrar esse processo que em vida, de fato, nos apresenta essa impressão confusa; mas que se fosse fielmente reproduzida deixaria os leitores quase que certamente sem entender esse processo de lembrança. Porém, dentro do romance, a forma como essas conexões nos são apresentadas aparecem tão bem organizadas na seqüência da história, são tão logicamente contadas e acessíveis ao nosso entendimento, que reconhecemos ali esse aspecto da nossa vida real; isso é o que nos leva a acreditar na possibilidade de a história do enredo ter, de fato, ocorrido.

Outro tipo de digressão também acaba guiando os leitores por todos esses fragmentos dos quais Brás Cubas vai se recordando. São estes os momentos de reflexão que vão surgindo no momento em que está resgatando suas memórias. No capítulo nove, *Transição*, por exemplo, o personagem faz uma pausa com o intuito de organizar tudo o que já contou até ali e em seguida continuar a história sem deixar que o leitor se perca na seqüência da narrativa.

Além disso, o personagem se encontra em intenso diálogo conosco durante sua narração, ressaltando detalhes das situações das quais participou. Brás Cubas provoca o leitor, deixa-o livre para opinar sobre tudo aquilo que conta, e transfere a responsabilidade do julgamento a ele também. Dentro do conceito de verossimilhança e realismo filosófico com os quais estamos trabalhando, essas intervenções ao leitor permitem, com muito efeito, que este fique atento ao que

está sendo contado, acompanhe a linha de narração do autor fazendo com que seu desabafo de impressões sobre tudo aquilo que diz faça parte inteiramente da narrativa, sem, com isso, causar uma desarmonia na suposta veracidade dos fatos que recorda. Pelo contrário, temos a impressão, a esse ponto, de estarmos conversando com Brás Cubas em tempo real; uma situação em que ele nos conta suas experiências e fala de suas divagações pessoais passadas e, como se fosse ao vivo, também relata suas atuais e, em alguns casos, reformuladas impressões pessoais sobre sua vida. Situação essa imanente à nossa própria coleção de experiências.

No entanto, o fato de sabermos que o narrador está morto, poderia contradizer tudo que foi argumentado a favor do conceito de realismo, grosso modo, que caracterizamos até o momento; afinal, essa situação anula, por princípio, toda possível imanência aos fatos narrados. Mas, no caso de Brás Cubas, logo no primeiro parágrafo do livro, ele ressalta e explica o porquê estaria escrevendo depois de morto; ele nos convence que isso é possível e que seria até melhor nos contar a história a partir de sua morte e que, logicamente, precisaria estar morto para isso.

Pensando nessa questão, podemos nos perguntar como foi possível nos deixarmos simpatizar com tal história, a ponto de lê-la até o fim e considerá-la plausível, se algo que sabemos ser o fim eterno de todas as coisas é descrito como a justificativa que impulsionou o personagem a escrever. Na comparação com a vida real isso não faria sentido nenhum. Porém dentro do enredo parece perfeitamente possível. Essa justificativa prévia é o que motiva o relato de uma série de lembranças que irão nos apresentar as características que Machado de Assis selecionou para compor o personagem dentro daquilo que ele também selecionou para nos apresentar a sua vida. Que fique bem claro que ele não nos define com palavras específicas o que cada personagem de sua trama é; mas a organização de toda aquela seleção dentro da narrativa – no caso, a seleção das memórias que lhe ocorreram - compõe toda uma trama que amarra muito bem todos esses fragmentos e facilita a nossa compreensão sobre tudo que está envolvido no romance.



Contextualizando mais especificamente, então, a questão do personagem, passemos para outra comparação com a vida real. Ao olharmos para outra pessoa, um amigo, por exemplo, estabelecemos uma interpretação para ele com o intuito “de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser” (Candido, 1968: 58-59), objetivando, desse modo, uma maneira mais lógica e organizada de encarar a ampla subjetividade do ser humano. Isso não nos faz, idealmente pelo menos, limitar a complexidade de uma personalidade às características finitas e estáveis. Portanto, “a nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de acordo com o tempo ou as condições da conduta” (Candido, 1968: 58-59) se a compararmos com o que nos é oferecido no romance. Porém, a limitação das características escolhidas para compor um personagem dentro da organização restrita da narrativa, de acordo com uma certa “lógica de composição” de tudo aquilo que envolve o romance, é o que cria a ilusão do ilimitado que percebemos na vida real e nos permite estabelecer um paralelo entre a ficção e a realidade.

De certo modo, o estabelecimento convencionalizado de conexão e referência entre um traço e outro, tanto dentro do enredo quanto na composição da personalidade de um personagem, além da articulação entre personagem(s) e enredo, é o que estabelece o poder sugestivo do romance; e essa observação explicaria, com eficácia, o fato de “acreditarmos” que um autor (inacreditavelmente) defunto poderia nos contar uma história. Cada fragmento de sua memória, cada reflexão feita na época da lembrança de cada fato recordado, e sua participação ativa no presente da narrativa que desenvolve - enfim, cada traço selecionado e então relatado nessas memórias, adquire sentido em função do outro. Em outras palavras, o sentimento de realidade, a verossimilhança, depende da organização lógica de um contexto que, aliado à seleção de traços específicos para a composição da experiência individual - mesmo que só durante um pensamento - de um personagem, possibilitam a concretização técnica do que chamamos realismo filosófico.

Toda esta organização é o que dá veracidade aos seres fictícios; o que lhes proporciona uma vida que admitiríamos como nossa; é o que os faz parecer mais

reais e, assim, capazes de nos sugerir uma situação possível; é o que nos leva a acreditar que seria possível, de fato, a existência de um defunto autor que gostaria de dividir suas memórias e reflexões, algumas de suas experiências - as das quais se lembra - com o amigo leitor que, aqui, ainda não pode ver as coisas pela perspectiva de Brás Cubas, mas que não ousa duvidar da honestidade da condição em que este está escrevendo.

Referências Bibliográficas:

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Moderna, 1999. (Coleção Travessias).

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968. p. 53-80.

CORTAZAR, J. Situação do romance. In: CAMPOS, H.; ARRIGUCI JR., D. (Org.). *Valise de cronópio*. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 61-83. (Coleção Debates).

WATT, I. *A Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 11-33.

